



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

ANNE BEATRIZ BALBINO DOS SANTOS

***The Canterbury Tales: uma análise da representação feminina nos
Contos do “Homem do mar” e da “Mulher de Bath”***

GUARABIRA - PB

2022

ANNE BEATRIZ BALBINO DOS SANTOS

***The Canterbury Tales: uma análise da representação feminina nos
Contos do “Homem do mar” e da “Mulher de Bath”***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes

GUARABIRA – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237t Santos, Anne Beatriz Balbino dos.

The Canterbury Tales [manuscrito] : uma análise da representação feminina nos contos do homem do mar e da mulher de Bath / Anne Beatriz Balbino dos Santos. - 2022.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes , Departamento de Letras - CH."

1. Geoffrey Chaucer. 2. Os contos de Canterbury. 3. Representação Feminina. 4. Religião . I. Título

21. ed. CDD 801.95

ANNE BEATRIZ BALBINO DOS SANTOS

***The Canterbury Tales: uma análise da representação feminina nos
Contos do “Homem do mar” e da “Mulher de Bath”***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura Comparada

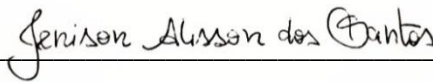
Aprovada em: 31/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jenison A. dos Santos (avaliador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Waldir Kennedy Calixto Nunes (avaliador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus professores que foram inspiração e exemplos de profissionais durante a minha graduação, em especial os professores de literatura e o professor doutor Auricélio Soares Fernandes, por seus ensinamentos, conselhos e aulas que influenciaram grandemente para a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus colegas e amigos, pois apesar da distância no final da nossa graduação, sempre estiveram presentes fazendo companhia e transformando momentos de insegurança em momentos de diversão.

Agradeço aos professores desta banca, professor mestre Jenison A. dos Santos e professor especialista Kennedy Nunes Calixto, por todas as anotações, correções e conselhos com o objetivo de melhorar minha pesquisa, pois apesar das dificuldades que enfrentamos, ainda buscamos fazer o melhor para a educação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL NA ÉPOCA DE GEOFFREY CHAUCER	10
2.1 O pensamento medieval sobre as mulheres	13
2.2 O livro <i>The Canterbury Tales</i>	16
3 LEITURA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS	18
3.1 O Conto do homem do mar: a mulher enganando e sendo enganada.....	18
3.2. O Conto da mulher de Bath: o poder de escolha nas mãos da mulher	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

***The Canterbury Tales: uma análise da representação feminina nos
Contos do “Homem do mar” e da “Mulher de Bath”***

Anne Beatriz Balbino dos Santos¹

RESUMO

A coletânea de contos *Os contos de Canterbury*, de Geoffrey Chaucer, escrita entre os anos de 1386 e 1392, acompanha um grupo de peregrinos que partem de Londres para o túmulo de São Tomás Beckett e, durante a locomoção, compartilham contos com o objetivo de divertir os companheiros. A obra é marcada por uma variedade nas estruturas de seus contos, assim como pela diversidade nos seus personagens que representam diversas camadas da sociedade inglesa do século XIV. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar duas personagens que se fazem presentes durante a narrativa de dois contos, “O conto do homem do mar” e “O conto da mulher de Bath”, e analisar como elas são representadas a partir do pensamento medieval religioso que estava presente na sociedade inglesa na Idade Média. Para que nossos objetivos fossem alcançados, utilizamos a abordagem qualitativa em conjunto com pesquisas bibliográficas. Como fundamentação teórica, utilizamos os livros de Pierre Bourdieu (2012) sobre a dominação masculina, e de Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006), no qual abordam o modo que o corpo feminino era observado na idade média, os estudos de Alcina Martins (2018), Márcia M. de Medeiros e Tânia R. Zimmermann (2013), entre outros que abordam a questão da figura feminina na Idade Média. Com este trabalho, observamos como as figuras femininas no “Conto do homem do mar” e do “Conto da mulher de Bath”, correspondem ao arquétipo da mulher não-ideal do século XIV.

Palavras-Chave: Geoffrey Chaucer. *Os contos de Canterbury*. Representação feminina. Religião.

ABSTRACT

The short stories entitled *The Canterbury Tales*, by Geoffrey Chaucer, written between the years of 1386 and 1392, will accompany a group of pilgrims who are leaving London heading towards the tomb of Saint Thomas Beckett and, during their path, they share tales with the purpose of entertaining their companions. The work is marked by a variety in the tales' structures as well as the diversity in its characters whom represents different social classes of 14th century English society. Therefore, this work aims to analyze two characters that are present during the narrative of two tales, the *Shipman's Tale* and the *Tale of the wife of Bath*, and to analyze how they are represented from the medieval religious beliefs that was present in English society in the Middle Ages. In order for our goals to be achieved, we used a qualitative approach along with bibliographic research. As a theoretical foundation, we used the books by Pierre Bourdieu (2012) about male domination, and Jacques Le Goff and Nicolas Truong (2006), in which they approach the way the female body was observed in the Middle Ages, the studies by Alcina Martins (2018), Márcia M. de Medeiros and Tânia R. Zimmermann (2013), among others that address the question of the female figure in the Middle Ages. With this work, it was observed how the female figures in the *Shipman's Tale* and the *Tale of the wife of Bath*, correspond to the archetype of the non-ideal woman of the 14th century.

Keywords: Geoffrey Chaucer. *The Canterbury tales*. Female representation. Religion.

¹ Graduanda em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: annebia2@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

Escrito entre 1386 e 1392, em um período de grande mudança social e política para a sociedade inglesa, *The Canterbury Tales*², de Geoffrey Chaucer, proporciona ao leitor, através de seus contos satíricos, uma representação da sociedade inglesa do século XIV. A obra, uma coletânea de contos, inicia com um grande grupo de peregrinos que viajam em conjunto para a cidade de Canterbury, pois possuem o mesmo objetivo de visitar o túmulo de São Tomás Beckett.

Os peregrinos, grupo composto por um cavaleiro, um escudeiro, um criado, três freiras e três padres, um estudante, um cozinheiro, um marinheiro, entre outros, se acomodam na mesma hospedaria que o narrador, que prontamente busca conhecer todos e, dessa maneira, inicia a introdução dos personagens da obra. O anfitrião da hospedagem, o albergueiro, após a ceia e após brincadeiras com seus hóspedes, anuncia que havia simpatizado com o grupo, e por isso propôs acompanhá-los em sua jornada com o objetivo de tornar o caminho mais agradável. Para isso, ele sugeriu que todos deveriam narrar dois contos na ida, e dois na volta, prometendo que quem narrar a história mais divertida, ganhará uma refeição em sua taberna.

O grupo aceita a proposta do anfitrião e na manhã seguinte quando partem para Cantuária, o albergueiro dá início a um jogo de sorte para ser escolhido quem deve narrar o primeiro conto, sendo sorteado o cavaleiro que estava na peregrinação, e assim, os contos são iniciados. A obra possui 24 contos, todos narrados por diferentes personagens, porém iremos analisar apenas as personagens de dois contos: “O Conto do homem do mar” e “O conto da mulher de Bath”.

“O conto do homem do mar” é narrado por um marinheiro que está na peregrinação e promete alegrar seus companheiros com sua história. O conto resume-se a três personagens: O monge Dom John, o mercador, e sua mulher, que não possui nome. No conto, toda a ação acontece na semana em que o mercador precisa viajar a negócios e sua esposa usa a oportunidade para selar um acordo com um amigo da família, o monge. Esse acordo que envolve dinheiro, mentiras e segredos, resulta em uma relação sexual entre a mulher e Dom John, que em troca da “noite de alegria”, lhe paga uma quantidade exata de dinheiro que a mulher precisava para quitar uma dívida em roupas.

Levando em consideração o contexto social da época em que Chaucer iniciou a escrita desse livro, podemos analisar o motivo que o marinheiro tinha certeza de que sua história iria

¹ CHAUCER, G. **Os Contos de Canterbury**. Edição bilíngue. Tradução do inglês médio, apresentação e notas de Paulo Vizioli; posfácio e notas adicionais de José Roberto O'Shea; xilogravuras da edição de William Caxton. São Paulo: Editora 34, 2014.

agradar as pessoas, e assim observamos como essa personagem feminina é representada no conto. Segundo Martins (2018, p. 140): "A Idade Média foi a época da grande renúncia ao corpo, pela reconfiguração da unidade corpo-alma clássica", dessa forma, a partir do momento em que o marinheiro é descrito como um homem sem escrúpulos de consciência (CHAUCER, 2014, p. 18), é provável que sua ideia de diversão tenha a intenção de atacar a moral da alta sociedade da época. Portanto, nessa narrativa a mulher mente, usa de seu corpo e do ato sexual para alcançar seus objetivos, consegue caracterizar tanto a imagem feminina pecadora, assim como evidencia o que seria considerado humor para a época.

O clímax do conto é o momento em que, para a surpresa da mulher, ela também fora enganada: Acreditando ter conseguido enganar o monge para que lhe entregasse o dinheiro, na verdade Dom John havia conseguido o dinheiro com o mercador, o marido da mulher. Quando questionado pelo mercador sobre a suposta compra que faria com o dinheiro emprestado, Dom John afirma que já havia quitado sua dívida, pagando pessoalmente à sua esposa. Porém, mesmo ao ser questionada pelo seu marido sobre o destino do dinheiro, ela consegue mentir novamente e desvia da situação usando seu corpo.

O corpo feminino também será usado como forma de seduzir os homens e ferramenta para que a mulher possa concluir seus desejos no "Conto da mulher de Bath", no qual a personagem expõe opiniões controversas sobre como a mulher deveria se portar no matrimônio e questiona preceitos da época sobre as mulheres.

No prólogo do "Conto da Mulher de Bath", conhecemos um pouco de sua narradora, Alice. Sendo descrita como uma mulher que usa roupas excêntricas e de rosto bonito, logo é revelado que a mesma se casou cinco vezes, e ainda espera casar-se mais vezes. Na narrativa, Alice então deixa claro sua opinião sobre o casamento, virgindade e, principalmente, sobre o ato sexual, afirmando que sempre usava do ato para conquistar seus maridos e então conseguir com que eles fizessem suas vontades. Desta forma, já no prólogo de seu conto podemos notar como será a caracterização dessa personagem, pois como afirma Martins (2018, p. 141): "[...], o vínculo entre o ato sexual e o casamento era feito em função da procriação", e se Alice possuía orgulho em casar-se diversas vezes e usar da cópula para enganar seus maridos, isso mostrava que tipo de mulher ela era: uma mulher vulgar e pecadora aos olhos da sociedade medieval.

Essa percepção mais libertina também é presente no próprio conto que Alice narra aos seus companheiros de viagem. No conto existe um cavaleiro que é condenado à morte pela corte do rei Arthur por violentar sexualmente de uma donzela, mas que é poupado pois responde à rainha que o que as mulheres mais desejam é o controle sob seus maridos. Esse

jovem cavaleiro então é obrigado a casar-se com a senhora que o havia ajudado a responder corretamente à questão, porém, vive infeliz pois a considera velha, feia e de classe social muito baixa. Diante disso, a senhora o oferece duas opções como solução para seu casamento: ser bela e infiel, ou continuar feia e fiel. Sabiamente o jovem responde que quem deve escolher é sua esposa, pois ela quem deve mandar nele e na casa. Essa resposta agrada bastante a senhora, que por possuir a liberdade de escolha, transforma-se numa bela jovem e promete permanecer sempre fiel ao seu casamento. A vida de Alice e a história que narra conseguem caracterizar perfeitamente o tipo de mulher transgressora que ela representa, pois como afirma Martins (2018, p. 141): “[...], a mulher, mais débil, necessitava da força masculina para a proteger”, e como ela defendia a ideia de que a mulher poderia e deveria ter controle sob o marido, isso apenas evidenciava o seu caráter supostamente falho.

Com isso, é possível notar como essas duas figuras femininas são representações da mulher não-ideal do século XIV, uma época em que a Igreja ditava as normas sociais e buscava controlar, principalmente, as mulheres. Alice e a mulher do mercador são colocadas na posição de mentirosas, egoístas e usam de seu corpo para exercer domínio sob os homens, correspondendo à imagem da mulher que a Igreja reprovava, como afirmam Medeiros e Zimmermann:

Indubitavelmente a Idade Média construiu um discurso sobre a mulher, pautado na interferência de indivíduos os quais, teoricamente, estavam muito longe delas, a saber, os membros do clero. Aos olhos dos religiosos do período, a mulher era tida como um perigo constante, uma ameaça constantemente associada a vaidade e a luxúria, pecados que constituíam graves defeitos a serem evitados (MEDEIROS e ZIMMERMANN, 2013, p. 241).

Ou seja, como a literatura no século XIV era criada majoritariamente por membros do clero, a figura feminina como dependente do homem e pecadora será uma ideia propagada por homens que não possuíam contato com essas mulheres, ou ao menos não deveriam. Portanto, a figura feminina na literatura dessa época será a de uma mulher que corresponde com o arquétipo criado pela Igreja, a partir do olhar masculino. A obra *Os contos de Canterbury* não é diferente, desde que o próprio autor é um homem e seus personagens são predominantemente masculinos e, em seus contos narram personagens femininas que correspondem com os pensamentos da época sobre as mulheres, como será explorado nos contos analisados neste trabalho.

O interesse de analisar as personagens femininas na obra de Geoffrey Chaucer surgiu durante uma atividade realizada no início da graduação, na disciplina de Literatura Inglesa I, no qual foi determinado que cada aluno teria o objetivo de elaborar uma leitura crítica sobre

determinado conto. Nessa atividade, foi abordada a representação feminina no “Conto do homem do mar”, a sátira presente no conto e como a religião estava sendo representada na narrativa.

Ao consultar o site da CAPES³, é possível notar a escassez de pesquisas brasileiras, ou em português, que analisam diretamente a obra e personagens aqui abordadas. A partir disso, a relevância deste trabalho dá-se justamente pela contribuição às poucas pesquisas já existentes da área, assim como a oportunidade de uma nova leitura crítica sobre a representação feminina na Idade Média, com foco na personagem bastante conhecida, Alice, ou apenas “A Mulher de Bath”, e outra menos popular, “A mulher”, personagem presente no “Conto do Homem do Mar”.

No desenvolvimento desse estudo, temos o objetivo de analisar a representação feminina de duas personagens: primeiro, a referenciada como “a mulher do mercador”, no “Conto do homem do mar” e, posteriormente, a personagem Alice, no “conto da Mulher de Bath”. Buscaremos também discutir a construção da imagem feminina como pecadora, influenciadora e mentirosa e investigar o que faz com que as personagens aqui analisadas sejam a definição da mulher medieval que a Igreja condenava.

No tocante à metodologia de pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, que de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 33), é um tipo de pesquisa que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Também foi aplicado a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Como fundamentação teórica, utilizamos como base o livro *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu (2012), o livro *Uma História do Corpo na Idade Média*, de Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006), e os estudos de Alcina Martins (2018). Para os estudos específicos dos contos citados neste trabalho, foi aplicado como base o estudo de caso de Medeiros e Zimmermann (2013), com foco no “Conto do Homem do Mar”, a dissertação de mestrado de Anna Beatriz Esser dos Santos (2013) com foco na personagem Alice, entre outras pesquisas. É importante também ressaltar que a versão de *Os Contos de Caterbury* que utilizamos em nossa análise foi a versão da Editora 34, com a tradução de Paulo Vizioli, publicada no Brasil em 2014.

³ Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br>> Acesso em: 06 de maio de 2021.

2 O IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL NA ÉPOCA DE GEOFFREY CHAUCER

Geoffrey Chaucer viveu no século XIV e fez parte de uma geração que testemunhou grandes mudanças na sociedade inglesa, sociedade essa que possuía grande influência da Igreja Católica em seus costumes. Como consequência dessa influência, as normas da sociedade costumavam ser ditadas pelos homens religiosos da Igreja Católica; assim, quando houve uma sequência de acontecimentos que marcaram profundamente a sociedade, como a Peste Negra⁴ e a Guerra de Cem Anos⁵ (BLOOM, 2008), momento em que diversas pessoas perderam suas vidas, a população voltou-se para a religião.

Um dos principais pontos da religião cristã é a crença da eterna guerra entre o bem e o mal, assim como a ideia do Paraíso e do Inferno⁶. Desse modo, o homem, graças ao pecado original de Adão e Eva⁷, é por natureza uma pessoa pecadora e deve trabalhar por toda sua vida para alcançar a salvação de sua alma e conseguir um lugar no Paraíso após sua morte, evitando a condenação eterna no Inferno.

Além disso, na época de Chaucer, as pessoas passaram a desenvolver uma preocupação com a vida após a morte, porém não era o medo da morte em si, mas o medo de morrer subitamente e não completar o processo de purificação de seus pecados (SOUSA,

⁴ “A peste negra surgiu no século XIV na Europa, desencadeada pela bactéria *Yersinia pestis* transmitida pelas pulgas e rato-negro (*Rattus rattus*), sendo que a disseminação da doença ocorreu de forma rápida pelas rotas comerciais da seda e de especiarias. O alto índice de contágio e mortalidade levou muitas pessoas a apoiarem-se na religião pois acreditavam, que através desta, se salvariam. À época, como o conhecimento científico, sobre este tipo de doenças era escasso, a população acreditava numa relação entre medicina e religião, considerando a peste negra como um castigo divino pelos pecados cometidos, criando deste modo um problema social grave.” (CARNEIRO-CARVALHO e RODRIGUES, 2022, p. 05)

⁵ “A Guerra dos Cem Anos foi um conflito armado que envolveu a Inglaterra e França, entre os anos de 1337 a 1453. A guerra atravessou cinco gerações dos países rivais, o auge e o declínio da cavalaria, estreou o desenvolvimento de armas e táticas modernas e iniciou a criação dos primeiros exércitos especializados na Europa Ocidental. A Guerra dos Cem Anos foi a última guerra feudal e também a primeira moderna, ela foi dirigida por membros da aristocracia feudal no início do conflito e terminou como uma disputa entre Estados que já tinham exércitos nacionais. O estopim para o início guerra foi o confisco de terras, a mando do Rei francês Felipe VI, que eram controladas pelos ingleses. Para completar, existia uma tensão em Flandres, região administrada pela França, onde os ingleses mantinham fortes relações comerciais. Majoritariamente, as disputas foram travadas em territórios franceses, com algumas exceções para os territórios ingleses. Grande destaque bélico, no início do conflito foi o uso da besta, arma medieval que lançava setas. No princípio, as batalhas foram vencidas pelos ingleses, a exemplo da primeira batalha travada em Crécy, que resultou em vitória inglesa e morte de mais de 1.000 soldados franceses.” (FRANCISCO, 2020, p. 10)

⁶ Neste trabalho foi empregado a grafia de termos religiosos com a inicial maiúscula, de acordo com o Acordo Ortográfico em que indica o uso “nos substantivos próprios de qualquer espécie - antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.” Disponível em: < [Acordo Ortográfico - Portal da Língua Portuguesa \(portaldalinguaportuguesa.org\)](http://portal.dalingua.org) >.

⁷ “[...] Contudo, segundo a mitologia bíblica, ao tratar das origens do gênero humano, o livro bíblico apresenta um acontecimento primordial conhecido como ‘mito da queda’ (Gênesis 3). A partir dessa desobediência, o homem perdeu a perfeição original e iniciaram-se os horrores do mal e do sofrimento que assolam a história das relações humanas em todas as épocas e culturas. Portanto, seguindo essa lógica, o culpado pelo mal e pelas mazelas do sofrimento é o ser humano, a origem de tudo está na sua desobediência a Deus.” (DE GODOY, 2016, p. 70)

2017), fazendo com que fosse condenado ao Inferno para que sofresse por toda a eternidade. A Igreja, porém, oferecia uma perspectiva de vida melhor após a morte e meios para alcançar a salvação da alma; entretanto, para que conseguissem chegar à redenção divina que essa instituição religiosa prometia, teriam de ceder de seus costumes, mudar seus hábitos e obedecer fielmente ao que a Igreja ditava.

Os ideais religiosos estavam presentes em todos os aspectos da sociedade medieval — até mesmo em seus momentos mais íntimos —, resultando em uma influência até mesmo no modo de pensar da época. A Igreja defendia que para que o cristão comum conseguir que sua alma fosse perdoada de todos os pecados, ele teria de renunciar diversos costumes que, para a Igreja, eram vistos como luxos e caminhos para a tentação. Assim, a população almejava se assemelhar ao modo de vida dos homens religiosos, indivíduos que haviam jurado seguir o modo de vida simples de Jesus Cristo, renegando prazeres e riquezas.

Uma mudança que vale ressaltar é a versão do pecado original que a Igreja Católica passou a proferir, estabelecendo o pecado original de Adão e Eva enquanto um pecado sexual, determinando então o corpo não mais como fonte de prazer e passa a ser visto como um possível caminho para o pecado. Desse modo, para alcançar o perdão divino, o homem deveria controlar seus desejos, pois, a “abstinência e continência estão entre as virtudes mais fortes. A gula e a luxúria são os maiores pecados capitais” (LEE GOFF e TRUONG, 2006, p. 11), e com isso o homem medieval que buscava a salvação de sua alma e que seguia com as normas da Igreja vivia de modo em que era privado de diversas coisas — sobretudo o lazer.

Com a promessa de uma vida melhor no Paraíso ao lado de Deus, o oposto desse eterno lazer seria a promessa do castigo no Inferno, junto da imagem do Diabo. Qualquer pecador que escolhesse ignorar os ensinamentos da Igreja e permanecesse vivendo de uma forma errante, seria levado ao Inferno após a sua morte, onde permaneceria suportando diversos castigos que o próprio Diabo estabelecera.

É possível notar tais valores em alguns contos do próprio Chaucer em *Os Contos de Canterbury*, no qual seus personagens mais religiosos expressam reprovação ao ouvir contos considerados mais libertinos de seus companheiros de viagem, assim como falam do inferno como o pior castigo que o homem poderia receber. Como podemos observar de forma concreta no “Conto do Beleguim”, conto em que um Oficial de Justiça Eclesiástica discute com um Frade após ouvir seu conto em que os oficiais de justiça usam de sua influência para roubar e enganar as pessoas:

[...] O Frade aqui está se gabando de conhecer o inferno. Deus do Céu, o que há de surpreendente nisso? Não existe muita diferença entre frades e diabos. Por minha alma, acho que todos aqui já conhecem o caso daquele mendicante que, durante uma visão, foi arrebatado em espírito ao inferno. Ao ser conduzido para cá e para lá pelo anjo encarregado de mostrar-lhe todos os castigos, encontrou pessoas das mais diversas condições, mas não viu nenhum frade em parte alguma. Perguntou então a seu guia: “Diga-me, senhor: são tão bem-aventurados os frades, que nenhum de nós vem a este lugar?” “Pelo contrário”, respondeu o outro, “há milhões de vocês aqui.” E desceu com ele à presença de Satanás. “Veja”, observou o anjo, “como a cauda de Satanás é mais larga que a vela de um navio. Levante o rabo, Satanás! Mostre seu cu ao frade, para que ele saiba onde é que fica o ninho dos irmãos dele aqui no inferno!” Nem bem a cauda se erguera cem jardas no espaço, quando, como um enxame de abelhas deixando a colmeia, vinte mil frades voaram para fora, [...] (CHAUCER, 2014, p. 457 - 459).

Com isso, observamos como as pessoas estavam sujeitas a serem castigadas se se desviassem do caminho divino, o que resultaria na condenação ao Inferno, a pior punição que um religioso poderia receber. Consequentemente, essa promessa de salvação para quem obedecer às regras e a certeza da condenação de quem não seguir, foi um dos pontos que resultou com que a Igreja Católica obtivesse grande poder e influência na sociedade inglesa.

Entretanto, no século XIV a Igreja Católica começou a passar por momentos difíceis; grande parte sendo uma consequência das ações do corpo religioso em momentos de crise. Como citado anteriormente, a sociedade inglesa precisou enfrentar a Peste Negra após enfrentar a Grande Fome⁸, e em seguida vivenciar a Guerra dos Cem Anos, e em todos esses momentos houveram pessoas que recorreram à Igreja em seus momentos mais desesperados, porém não foram acolhidos. Durante a Peste Negra muitos fiéis recorriam a padres ou freiras, entretanto não eram amparados, igualmente sendo rejeitos por médicos e familiares. Logo, essa rejeição fez com que a população começasse a enxergar o clero com outros olhos (SELVATICI, 2007), observando que muitos possuíam atitudes hipócritas e passaram a acreditar que eles não deveriam ocupar cargos tão sagrados e influentes.

Essa reprovação tornou-se maior quando surgiu o Cisma do Ocidente, momento em que dois papas governaram ao mesmo tempo: um em Roma e outro em Avignon, na França.⁹

⁸ “A crise agrária, conhecida como a Grande Fome, teria começado ainda no primeiro decênio do século XIV, em virtude de péssimas colheitas. Com isso, os preços dos grãos, como do trigo e do milho, começaram a subir. Contudo, o cenário só se avigorou com as colheitas de 1314 e 1315, que continuaram a sofrer com o excesso de chuvas, o que destruiu as plantações. Essa calamidade ficou indiretamente registrada em uma carta de 14 de julho de 1315, escrita pelo Arcebispo da Cantuária, na qual este pedia para que procissões, missas, jejuns e caridades fossem feitas a fim de expiar os pecados do povo e aplacar a ira de Deus que atingia os campos. Como consequência da má colheita desses muitos anos, uma grande escassez de alimentos recaiu sobre toda a Inglaterra, trazendo um período de fome à população a partir de 1315. Concomitantemente, os preços de alguns alimentos, como o do milho, alcançaram níveis sem precedentes durante a primavera e o verão de 1316, quando novas torrentes de chuva causaram colheitas ainda piores que as anteriores.” (ALFONSO-GOLDFARB e BOMBINI, 2020, p. 10-11)

⁹ SELVATICI, M. **Igreja Católica e sentimento religioso na Inglaterra do século XIV**. Revista Aulas. Campinas. N.4 – abril 2007/julho, 2000, p. 15-16.

Isto realçou para a população como havia conflitos de interesses dentro da Igreja, e consequentemente a comunidade passou a avaliar como os homens da Igreja levavam suas vidas, se eles podiam realmente servir de exemplo para a sociedade.

Portanto, rapidamente foi constatado diversas falhas tanto na instituição religiosa, como no modo de vida que os padres, monges ou freiras estavam levando, resultando em um grande afastamento da comunidade para com a Igreja Católica. Assim, a obra de Chaucer aqui analisada serve como uma representação dos sentimentos de grande parte da sociedade inglesa com a Igreja. Em *Os Contos de Canterbury*, temos histórias de alguns homens da Igreja que não se comportam como deveriam. Nos contos eles mentem, roubam, têm relações sexuais com mulheres casadas, e até mesmo fazem acordos com o próprio Diabo. Assim, vemos uma representação da imagem das pessoas que compunham a Igreja e como essa instituição encontrava-se desacreditada na sociedade medieval.

2.1 O pensamento medieval sobre as mulheres

Em 1386, ano em que Chaucer deu início a obra *The Canterbury Tales*, a Inglaterra encontrava-se sob a forte influência da Igreja Católica. Dessa forma, os ideais religiosos predominavam na sociedade inglesa. Seus costumes, leis e tradições, baseavam-se no que a Igreja acreditava ser o correto. Com esse grande poder, a Igreja então faz uma significativa mudança social, que seria a ideia da rejeição do prazer carnal, no qual o corpo humano era visto como um objeto de tentação que deveria ser controlado (MARTINS, 2018).

Sobre esse contexto Le Goff e Truong (2006) afirmam que:

[é] na Idade Média que desaparecem sobretudo as termas, o esporte, assim como o teatro herdado dos gregos e dos romanos; e os próprios anfiteatros, [...], Mulher diabolizada; sexualidade controlada; trabalho manual depreciado; homossexualidade no princípio condenada, depois tolerada e enfim banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras, maquiagem e trajes condenados; luxúria e gula associados ... O corpo é considerado a prisão e o veneno da alma (LE GOFF e TRUONG, 2006, p. 36-37).

Sendo assim, o homem agora passa a ter vergonha de seu corpo (MARTINS, 2018), pois o considera uma passagem para o pecado. Consequentemente, o ato sexual também é condenado, sendo permitido apenas dentro do casamento. O casamento, entretanto, também era influenciado pelas normas da Igreja, pois havia datas, ocasiões e posições sexuais que o homem deveria evitar se buscava a salvação e, como completam

Le Goff e Truong (2006, p. 41): “a cópula só é compreendida e tolerada com a única finalidade de procriar”.

A partir desse período a cópula passa a possuir apenas uma finalidade: a reprodução. Assim, o corpo feminino é reprimido pela Igreja e a imagem da mulher transforma-se completamente em um ser que induz ao mal concretizado pela sedução carnal. Complementando essa discussão, Martins (2018, p. 142) afirma que “a partir do século XII é reforçada a imagem da mulher como a representação do mal. Esta era acusada de ter introduzido sobre a terra a infelicidade e a morte.”. Ainda, tal visão feminina de originária do pecado tem sua criação na leitura da Igreja sobre o pecado original com a interpretação da queda de Adão e Eva do Paraíso, ao comerem do fruto proibido. Nesse sentido, Le Goff e Truong (2006) afirmam que

[o] pecado original, que expulsa Adão e Eva do Paraíso, é um pecado de curiosidade e orgulho. É a vontade de saber que conduz o primeiro homem e a primeira mulher, tentados pelo demônio, a comerem a maçã da árvore do conhecimento (LE GOFF e TRUONG, 2006, p. 49).

Ou seja, quando a Igreja ressalta que foi Eva quem primeiro pecou e então influenciou Adão, a culpa de todo o sofrimento da humanidade estará presente na figura feminina que desconsidera as ordens de seu marido, o influencia a uma relação sexual apenas por prazer e que busca um conhecimento que seu marido não pode oferecê-la. Dessa forma, “A Igreja acaba convenientemente por transformar o pecado original em pecado sexual, o que só é tornado possível por meio de um sistema medieval dominado pelo pensamento simbólico” (MARTINS, 2018, p. 143).

Com a demonização da mulher, agora seu corpo por completo é considerado inferior e repudiado. A mulher, então “[...], é subtraída até mesmo em sua natureza biológica, já que a incultura científica da época ignora a existência da ovulação, atribuindo a fecundação apenas ao sexo masculino” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 54); sua menstruação é vista como algo impuro e que é aconselhável a distância da mulher menstruada (MARTINS, 2018), além da ideia de que “o sexo da mulher, que é representado como composto dos mesmos órgãos que o do homem, apenas dispostos de maneira diversa” (BOURDIEU, 2012, p. 24) permanece presente na sociedade.

Essa inferioridade da mulher não se restringia apenas ao seu corpo. Além de influenciadora, era também considerada inferior psicologicamente, como aponta Martins:

Sob o ponto de vista psicológico, a mulher era também inferior, sobretudo na vontade e no discernimento, tanto mais que funcionava por impulso e não de forma racional, situação que, aliada ao fator físico a poderia tornar frenética e, desgraça da humanidade, dominar o marido (MARTINS, 2018, p. 141).

Dessa forma, a mulher era considerada completamente inferior ao homem, possuindo um corpo imperfeito que resultava em uma pessoa que não merecia ter suas opiniões levadas em consideração. Como consequência de tal pensamento, o marido então tinha o papel de proteger e guiar essa mulher (MARTINS, 2018) para que ela não caísse em desgraça. Essa relação também é presente em uma passagem da Bíblia, no livro de Coríntios, no qual Paulo afirma que “[...] o homem não foi feito da mulher, mas a mulher foi feita do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher por causa do homem”¹⁰. Esse trecho reflete a ligação que a mulher tem com o homem, porém isso não a torna igual a ele, mas a faz sua dependente.

Sendo assim, para a religião católica existia três tipos de mulheres na sociedade, e todas elas estavam representadas na própria Bíblia nas figuras de Eva, a pecadora original, de Maria, a mãe do salvador e de Maria Madalena, a pecadora arrependida (MARTINS, 2018). Mulheres que expressavam demais suas opiniões, que aproveitavam do lazer ou que questionavam as ordens dos homens, eram vistas como a Eva: um reflexo de uma mulher que não valorizava os esforços de seu marido e que busca de forma egoísta os prazeres, corrompendo as pessoas ao seu redor.

Então, para aquelas mulheres que buscavam salvação, restava as figuras de Maria e Maria Madalena. Porém, a figura de Maria como mãe virgem e mulher sem pecados se tornava uma figura distante da realidade de muitas mulheres que já eram consideradas perdidas nos olhos da sociedade ou do corpo religioso. Assim, a única figura feminina na qual poderiam tentar se espelhar era a de Maria Madalena: a pecadora que alcançou o perdão divino. Para isso, teriam que reconhecer seus pecados e adotar uma postura de arrependimento “visível numa postura de mortificação e lágrimas, em oposição à tagarelice e curiosidade de Eva, que conduziu a humanidade ao pecado” (MARTINS, 2018, p. 145): ou seja, para alcançar a glória eterna, a mulher deveria tornar-se completamente submissa às vontades de seus maridos ou as vontades da sociedade, perdendo assim sua voz ativa.

Por sua extensa presença na sociedade inglesa do século XIV, a religião conseguiu com que a imagem da mulher se transformasse na grande causadora do caos na sociedade.

¹⁰ Bíblia Online. **1 Coríntios 11:8**. Disponível em: <[1 Coríntios 11 - NAA - Nova Almeida Atualizada - Bíblia Online \(bibliaonline.com.br\)](http://bibliaonline.com.br)>

Seu corpo era repudiado e colocado na posição de propriedade de outra pessoa, porém era desejado e tratado como um objeto desconexo da mulher, no qual seu corpo era considerado apenas um objeto e seus sentimentos não eram validados. De acordo com Martins (2018, p. 146): “[...] o corpo feminino, no imaginário medieval, torna-se representação e símbolo de pecado e impureza, castigo e maldição, próprios de um ser inferior, que deve ser controlado e enclausurado”, características essas, que iremos analisar nos contos citados neste trabalho.

2.2 O livro *The Canterbury Tales*

A obra *The Canterbury Tales* começou a ser escrita no ano de 1386, porém nunca foi concluída devido à morte de seu autor, no ano de 1392. Logo, não foi revisado pelo seu autor e hoje permanece com dois contos incompletos, bem como a ordem cronológica dos contos que compõem a coletânea. O livro possui vinte e quatro contos que são narrados por peregrinos que se dirigiam à Canterbury, assim como há contos narrados pelo próprio autor que também participa da narrativa do livro como um personagem da peregrinação.

As peregrinações eram comuns na época de Chaucer, resultado da influência religiosa no cotidiano da sociedade inglesa. Essas peregrinações eram viagens que o cristão realizava com o objetivo de provar ser merecedor da graça divina, através de longos períodos de caminhada até um local santo. Na obra de *Os contos de Canterbury*, os personagens estão a caminho do túmulo de São Tomás Becket, arcebispo de Canterbury que fora exilado na França por ser devoto aos serviços da Igreja, e por fim assassinado em sua própria catedral, onde também fora enterrado (DE JESUZ, 2011), tornando a catedral um local sagrado, no qual cristãos iam com a esperança de serem agraciados com milagres, como afirma De Jesuz:

Encontramos também peregrinos motivados pela busca de uma graça ou cura, motivações mais específicas que mobilizavam diversos viajantes. Muitos destes eram peregrinos piedosos ou ainda devotos dos santos em direção dos quais peregrinava, mas, de modo geral, esperavam receber uma recompensa por seu esforço, fosse esta no reino terrestre ou no reino celeste, em especial, a salvação (DE JESUZ, 2011, p. 03).

Na obra de Chaucer, os peregrinos são de classes sociais diversas, como é percebido ao comparar os diferentes animais que estavam cavalgando em sua peregrinação, assim como também há contrastes em seus cargos. Apesar disso, o fato de que todos possuem um meio de transporte e que possuem condições de manter alimentos durante o percurso, indica que esse grupo de peregrinos tem condições melhores do que outros grupos, pois como salienta De Jesuz (2011, p. 06): “Antes de partir, os peregrinos precisam planejar os detalhes de sua

jornada, como a época do ano, a duração do percurso, a hospedagem ao longo do caminho e no destino, pois todos esses fatores determinam os gastos da viagem.”. A diversidade presente na classe dos peregrinos faz com que o enredo do livro se assemelhe com diferentes grupos sociais, criando personagens mais humanos em que expressam suas emoções e conflitos (BLOOM, 2008) através dos contos que narram durante a peregrinação.

No livro, antes de cada conto há um prólogo que serve como uma transição da narrativa, na qual é possível notar a reação dos personagens aos contos narrados, assim como também servem como introdução aos contos. Os prólogos, assim como os contos, possuem grande diversidade em suas estruturas, contendo diferentes características, como é possível observar na diferença dos prólogos dos contos do “Conto do Magistrado” e no “Conto da Priora”, que possuem a estrutura de uma prosa, diferente dos outros prólogos que são breves e que apresentam diálogos. É importante ressaltar que o prólogo do “Conto da Mulher de Bath” é o único na obra que oferece tantos detalhes sobre a vida pessoal da personagem que o narra.

A partir dessa diversidade dentro da obra, percebemos a grande influência de diversos gêneros literários que Chaucer teve acesso e que foram retratados em seu livro. Por ser de classe média e empregado da corte, Chaucer teve a oportunidade de viajar e conhecer um pouco de outras culturas além de Londres, incluindo outros gêneros literários (BLOOM, 2008). Na obra é possível notar contos de diferentes temáticas e estruturas, partindo desde os clássicos contos de cavalaria, passando por contos de estruturas que se assemelham a fábulas e até mesmo contos que possuem a estrutura de um sermão religioso, sendo alguns desses contos com o objetivo de causar o riso em seus ouvintes, enquanto outros buscam despertar uma reflexão e mostrar uma lição de moral.

Entretanto, apesar de existir essa grande diversidade em *The Canterbury Tales*, personagens de classe mais baixa até as mais prestigiadas, é especialmente interessante contemplar como o gênero feminino é representado em todos os contos do livro. Apesar de que em alguns contos a mulher não possui um papel principal na narrativa; personagens femininas são citadas em todos os contos e elas sempre se resumem a três tipos de mulheres: a jovem inocente que é facilmente enganada; a mulher traiçoeira que engana a todos para conseguir o que quer; a mulher idosa e viúva que é vista como misteriosa e, às vezes, perigosa.

Na obra, grande parte das personagens femininas são inocentes ou traiçoeiras, sendo o *Conto do Magistrado* um bom exemplo dessa representação, uma vez que a personagem principal, Constância, é uma jovem de coração puro que é forçada a um casamento arranjado

com pessoas de diferentes culturas, é obrigada a fugir, sobrevive a diversas provações, mas nunca perde a sua bondade:

[...] Assim que viu o pai, ela apeou e, em plena rua, ajoelhou-se a seus pés: "Pai, tua jovem filha por certo já se apagou de tua memória! Eu sou a pobre Constância, que outrora mandaste à Síria. Sou eu aquela que abandonaram num barco para morrer no mar salgado. Agora, meu pai tão generoso, suplico-te mercê! Não mais me envies para junto dos pagãos. E agradece ao senhor meu esposo, aqui presente, por sua grande bondade." Quem poderia retratar a alegria e a emoção dos três naquele encontro? (CHAUCER, 2014, p. 253).

Dessa forma, observamos como a personagem, apesar de todo seu sofrimento, continua feliz ao se reencontrar com os homens que foram a causa de seu sofrimento, pois é de sua natureza ser uma mulher paciente e bondosa. Essa personagem contrasta com a personagem do "Conto do Moleiro", Alisson: uma jovem que aceita as investidas do jovem Nicholas, mesmo sendo uma mulher casada com um homem mais velho que é descrito como verdadeiramente apaixonado por ela:

Nicholas passou então a implorar piedade. E falou tão bonito e fez tantas promessas que ela afinal acabou cedendo, jurando-lhe por São Tomás de Kent que estaria a seu dispor assim que surgisse a primeira oportunidade. "Meu marido", explicou ela, "é tão ciumento que, se você não tiver muita paciência e muita descrição, tenho certeza de que será o meu fim. É preciso agir com o máximo cuidado neste caso." (CHAUCER, 2014, p. 161).

Com essa personagem é possível notar a caracterização da mulher como alguém que cede facilmente às suas vontades, colocando seus desejos em primeiro lugar e ignorando os sentimentos das pessoas ao seu redor. Esses dois tipos de representação feminina são repetidos diversas vezes ao longo da narrativa, evidenciando que era uma ideia comum da sociedade do século XIV e uma ideia em que o autor trouxe para sua obra como um espelho da comunidade em que vivia.

3 LEITURA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

3.1 O Conto do homem do mar: a mulher enganando e sendo enganada

Em "O conto do homem do mar", a personagem feminina possui um papel importante na narrativa do conto, apesar de ser marginalizada, e corresponde com o estereótipo da mulher egoísta que busca seu prazer em primeiro lugar. Apesar da narrativa girar em torno de suas ações, é interessante perceber como essa personagem é estabelecida desde o início da narração como uma mulher que sempre está associada a um homem, como podemos notar nas

primeiras linhas do conto em que os personagens são introduzidos e a mulher, que não tem seu nome revelado, é descrita a partir da apresentação de seu marido, o mercador: “Estava casado com uma mulher de extraordinária beleza, e, ademais, apreciadora da vida social e dos prazeres mundanos, [...]” (CHAUCER, 2014, p. 259). Ou seja, apesar de que as principais ações que ocorrem na narrativa serem consequências das escolhas dessa personagem, ela é usada apenas como uma ferramenta dentro da narrativa, sem oportunidades do leitor conhecer seus sentimentos, pensamentos ou intenções, já que tudo que se sabe da personagem, é através do narrador, o marinheiro.

Sendo assim, com essa breve descrição sobre seu caráter, a personagem é definida desde o princípio como uma mulher fútil; então, quando a narrativa revela que ela possui uma dívida em roupas, fato que esconde de seu marido, as escolhas que faz para tentar se livrar dessa dívida de um modo que seu esposo não descubra, são consequências de seu caráter falho como mulher e esposa. O primeiro momento em que a personagem começa a agir no conto, sua entrada é descrita como “[...], veio às ocultas, com passinhos leves, a boa mulher.” (CHAUCER, 2014, p. 263). Essa escolha de palavras é interessante de observar pois a personagem estava se dirigindo ao jardim de sua casa, onde o monge Dom John estava sozinho concluindo suas orações matinais. A entrada dessa personagem se assemelha a de um caçador cercando sua presa, se aproximando silenciosamente para que ninguém perceba sua presença até o momento em que ela mostre algum sinal de que está por perto, como sustenta Medeiros e Zimmermann:

Observe-se a lógica da aproximação da esposa: sorrateiramente. Tal qual uma raposa disposta a atacar uma presa, ela se aproxima do religioso que por ali caminhava tranquilamente fazendo aquilo que era a sua obrigação, honrar a Deus sobre todas as coisas. Ademais, percebe-se no verso acima transcrito certa ironia em relação tanto ao religioso que dizia suas preces “cortês e devoto” quanto a esposa, “esta excelente esposa” (MEDEIROS e ZIMMERMANN, 2013, p. 232).

Ou seja, apesar de que o monge também mostra possuir desejos para com a esposa do mercador, a forma que suas ações são narradas, indicam que o homem é uma vítima que está sendo seduzido por uma mulher que planeja suas ações. Essa imagem da figura feminina arquitetando tudo desde o princípio pode ser notada durante a conversa no jardim entre a mulher e o monge — conversa na qual é revelado sua dívida em roupas e momento em que ambos selam um acordo em troca de favores. Quando o monge pergunta o motivo da jovem parecer tão abalada e insinua que ela esteja cansada pois permaneceu acordada a noite toda em atividades sexuais com seu marido, então ela responde:

A bela mulher sacudiu a cabeça e deu um suspiro: “Ai, quisera Deus!”. E prosseguiu: “Não, primo, as coisas comigo não se passam bem assim, pois, por aquele Deus que me deu alma e vida, não há em todo o reino da França mulher que ache menos graça naquele jogo infeliz” (CHAUCER, 2014, p. 263).

Assim, notamos a inconsistência de sua resposta: primeiro a mulher se lamenta como se desejasse o ato sexual, mas em seguida afirma que não possui prazer em tal ato, fazendo com que não seja possível compreender suas verdadeiras intenções, assim como ela também não repreende as insinuações do monge, pois como afirmam Medeiros e Zimmermann:

[...]mesmo sendo um religioso e tendo uma condição que lhe impediria de falar tão livremente sobre o matrimônio, o ato sexual em si e a vida privada dos seus anfitriões, o monge não evita o assunto. Muito pelo contrário: ele exalta a sua condição de homem que não se preocupa com as questões do matrimônio como os homens casados que se tornam “burros de carga”, e que precisam satisfazer suas esposas (MEDEIROS e ZIMMERMANN, 2013, p. 234).

Com isso, notamos como a esposa do mercador não se incomoda com o fato de que o monge não se apresente diante dela da maneira como um homem religioso deveria se portar. Ao contrário, a personagem se engaja na conversa e usa a oportunidade para introduzir sua versão de sua vida privada com seu esposo, lamentando e afirmando que, apesar de ter consciência de que não deveria difamar seu marido, confia seu segredo ao monge:

[...] Meu marido é o pior homem que já existiu neste mundo. Sendo sua mulher, sei que não convém ficar comentando por aí o que se passa em nossa intimidade, seja na cama, seja nas outras coisas. Deus me livre! Entendo que uma esposa só deve falar bem do marido. Por isso, só vou dizer uma coisa... e apenas para você: em nome dos Céus, ele é para mim mais desprezível que uma mosca! E o que mais me irrita nele é a sua avareza (CHAUCER, 2014, p. 265).

Assim, a mulher, através de suas mentiras, consegue fazer com que o monge revele que não possui parentesco com o mercador, e apenas mentiu sobre sua relação para conseguir ficar perto de sua esposa, a quem ele nutre sentimentos e promete ajudá-la em sua dívida secreta:

“Em verdade, oh dona de meus sentimentos, tão condoído fiquei de sua situação, que lhe juro, com o penhor de minha palavra, que, assim que seu marido viajar para Flandres, vou livrá-la de suas preocupações; vou lhe trazer os cem francos”. E ao dizer isso, agarrou-a pelos quadris, apertou-a com força contra si, e deu-lhe vários beijos (CHAUCER, 2014, p. 267).

Em seguida, a personagem irá mudar sua postura com o monge, saindo das cordialidades para aceitar abraços e beijos. É importante observar essa ação do monge, como quando perde o pudor e toma a iniciativa de abraçar a mulher pela cintura, pois como afirma Bourdieu (2012, p. 25): “A cintura é um dos signos de fechamento do corpo feminino, [...],

Ela simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente constituída em objeto sagrado”, ou seja, isso implica que a partir daquele momento, a mulher aceitou as iniciativas do monge, mostrando sua futilidade por aceitar as investidas de um homem apenas em troca de dinheiro que seriam gastos com roupas.

É interessante também perceber o diálogo de Dom John com o mercador para conseguir os cem francos que prometeu, em segredo, a mulher. O monge consegue a quantidade exata de dinheiro ao pedir emprestado ao mercador, afirmando que pretende comprar animais para a Igreja e que tudo deve ser mantido em segredo para que ele não perca sua compra. Como dito anteriormente, a personagem feminina deste conto é associada aos homens com quem interage na narrativa, primeiro seu marido, e em seguida o monge, com quem tem relações íntimas. Então, levando em consideração o fato que a mulher era considerada propriedade de seu marido (MARTINS, 2018), quando o mercador aceita emprestar dinheiro ao monge e afirma que “[...], meu ouro é seu; e não só meu ouro, mas todas as mercadorias que tenho.” (CHAUCER, 2014, p. 269), fica implícito que o mercador está autorizando seu suposto primo de também possuir sua esposa.

Com isso, quando o mercador parte para sua viagem de negócios e deixa sua esposa sozinha em casa, o monge retorna para a mulher com o dinheiro que havia prometido, e assim como fora combinado “a bela mulher novamente lhe assegurou que, em troca daqueles cem francos, passaria a noite em seus braços, à sua disposição. E foi o que, de fato, ela fez.” (CHAUCER, 2014, p. 271), por fim consumando sua traição ao ter relações sexuais com outro homem, um homem religioso, e em troca de dinheiro para pagar dívidas que seu marido não tinha conhecimento.

Entretanto, a mulher não encerra a narrativa como vitoriosa, pois após o retorno de seu marido, ela descobre a origem do dinheiro do monge e percebe que fora enganada, porém, apesar de surpresa e enfurecida, a mulher não deixa que suas emoções revelem ao seu marido que ela havia tido relações sexuais com Dom John:

A mulher não se assustou nem sentiu medo, respondendo com o maior atrevimento: ‘Virgem Maria! Detesto esse falso monge, esse Dom John! E pouco me importam os seus comprovantes. Ele me trouxe o dinheiro, é verdade... Ah, maldito seja aquele seu focinho de monge! Juro por Deus como pensei que ele estava me dando aquele dinheiro para que o gastasse comigo mesma, em consideração por você, numa espécie de reconhecimento pelo nosso parentesco e pela hospitalidade com que foi tantas vezes acolhido aqui (CHAUCER, 2014, p. 273).

Assim, apesar de ter considerado erroneamente que havia enganado os dois homens e irritada por ter sido iludida pelo monge, a mulher ainda conseguiu o dinheiro para quitar sua

dívida, assim como também permanece enganando seu marido, usando de seu corpo e sexo para alcançar seus objetivos, como é possível observar em sua fala quando solicita ao seu marido que esqueça o assunto e que aceite o ato sexual como um pedido de desculpas e pagamento:

[...]Pois bem, sou sua mulher; debite tudo em minha conta, pondo o meu talho em sua vara. Pouco a pouco irei pagando tudo. Afinal, não joguei fora aqueles francos; gastei-os com roupas, para apresentar-me dignamente, em honra de meu marido. Assim sendo, não fique zangado, pelo amor de Deus! Vamos rir e brincar. Meu belo corpo é meu único penhor, e, por isso, só posso lhe pagar na cama! Oh maridinho querido, perdoe-me; vire-se para cá, e vamos fazer as pazes! (CHAUCER, 2014, p. 275).

Desse modo, a personagem consegue representar a imagem feminina da época na qual a mulher possuía sabedoria para confundir e corromper os homens através de atos sexuais, assim como também era traiçoeira, fútil e possuía uma grande libido, como é possível notar ao fim do conto. Durante a narrativa, a personagem desfruta de três relações sexuais: a primeira com o monge em troca de dinheiro, a segunda com seu marido em comemoração ao seu retorno da viagem, e a terceira, novamente com seu marido, como uma forma de contornar a situação para que não precise se justificar sobre a situação do dinheiro pago pelo monge. Essas relações sexuais com pouco tempo de intervalo e com homens distintos, sustenta o pensamento religioso de que as mulheres não deveriam ser confiadas por conta de sua necessidade do ato sexual:

[...]o motivo disto é que a mulher contém mais líquido (sic) do que o homem e a propriedade dos líquidos é moverem-se com facilidade (...) isto explica porque as mulheres são inconstantes e curiosas; por exemplo: quando uma mulher tem relações sexuais com um homem, ela gostaria, porquanto lhe fosse possível, ter relações também com outro homem. A mulher é incapaz de ser fiel; acreditem-me: se alguém lhe der a sua confiança certamente ficará desiludido. (MAGNO, *apud* MARTINS, 2018, p. 147).

Por fim, o erro do mercador foi confiar em sua mulher quando saiu de casa, assim como acredita em sua explicação sobre o pagamento de Dom John, novamente confiando na palavra da mulher. Entretanto, essa confiança depositada em sua esposa apenas resultou na mulher possuindo segredos, planejando encontros e envolvida em relações sexuais com outro homem, correspondendo ao estereótipo da mulher adúltera que possui vaidade, ambição e ingratidão, características que eram bastante presentes nas obras da época (SANTOS, 2013).

3.2. *O Conto da mulher de Bath: o poder de escolha nas mãos da mulher*

Diferente da personagem analisada anteriormente, as figuras femininas presentes dentro da narrativa do “Conto da mulher de Bath” não possuem o papel principal, porém possuem grande influência nas ações do personagem central do enredo. O conto é narrado por Alice, uma mulher descrita como possuindo “[...], um rosto atrevido, bonito e avermelhado.” (CHAUCER, 2014, p. 57), fabricante de tecidos de ótima qualidade, e que não esconde suas opiniões incomuns sobre determinadas normas sociais que as mulheres deveriam seguir, especialmente o papel feminino dentro do casamento.

Inicialmente temos o prólogo do conto, momento em que Alice explana sobre como viveu em seus cinco casamentos, sempre buscando dominar seus maridos e visando o dinheiro que poderia conseguir com determinadas uniões. A narradora reconhece a estranheza de tantos matrimônios, por isso já inicia sua fala defendendo seus casamentos, usando de passagens e personagens da Bíblia para argumentar que, na verdade, não é pecado casar-se mais de uma vez:

Como não pretendo fechar-me numa vida de castidade só porque meu marido deixou este mundo, é natural que venha logo outro cristão e me despose, pois, como afirma o Apóstolo, sou livre para casar-me, em nome de Deus, quantas vezes me aprouver. E foi ele também quem nos garantiu que o casamento não é pecado: é melhor casar que arder. Que me importa que as pessoas falem mal do infeliz Lameque e de sua bigamia? Abraão, assim como Jacó, eram homens santos; no entanto, pelo que me é dado saber, ambos tiveram mais que duas mulheres. E não foram os únicos (CHAUCER, 2014, p. 389).

Com isso, é evidente que essa personagem feminina é outro exemplo da imagem da mulher pecadora que infringia as normas sociais e possuía orgulho do modo de vida que seguia, não se preocupando em lamentar-se ou buscar perdão. Alice continua defendendo suas opiniões, questionando o motivo da preocupação com a castidade e exaltando o ato sexual, deixando em evidência que não reprova ou se envergonha em achar prazer em tal ato. A personagem indaga:

Eu gostaria que me mostrassem onde e quando Deus altíssimo condenou expressamente o matrimônio. Digam-me, por favor. E onde ordenou Ele a virgindade? Sem dúvida, sei tão bem quanto vocês que, quando o Apóstolo Paulo falou da virgindade, reconheceu não ter qualquer preceito sobre o assunto: pode-se aconselhá-la às mulheres; mas aconselhar não é o mesmo que ordenar. Na verdade, ele a deixou a nosso critério (CHAUCER, 2014, p. 389).

Observamos como, desde o princípio de sua fala, Alice indica que as mulheres devem ter a palavra final em determinados assuntos, partindo desde a virgindade, até o controle da casa após o casamento. Logo, a narradora inicia sua argumentação sobre o ato sexual,

manifestando sua opinião mesmo ciente que, talvez, não fosse bem recebida por seus companheiros de peregrinação:

Além disso, gostaria que me dissessem: qual a finalidade dos órgãos de reprodução? [...]. Espero que os doutos não se zanguem comigo, mas, na minha opinião, eles foram feitos para duas coisas, isto é, para o serviço e para o prazer de procriação (dentro do que a lei de Deus estabelece). Se não fosse assim, por que está escrito nos livros que o marido tem a obrigação de pagar seu débito à mulher? E como poderia ele pagar o seu débito, a não ser usando aquele seu instrumentinho engraçado? (CHAUCER, 2014, p. 391-393).

Esse questionamento de Alice torna-se problemático devido ao fato de que, segundo a Igreja, “A cópula só é compreendida e tolerada com a única finalidade de procriar.” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p. 41). Afirmar que os órgãos sexuais, e o ato sexual, possam ser instrumentos para alcançar o prazer é algo que contraria completamente o pensamento religioso, além de ser opiniões que uma mulher não deveria declarar abertamente. Entretanto, suas falas supostamente problemáticas não se limitam apenas a questionamentos sobre o propósito do ato sexual, Alice também afirma que sempre esteve e estará disposta a realizar o coito com seus maridos sempre que estes solicitarem:

Por isso, no casamento sempre hei de usar o meu aparelhinho com a mesma generosidade com que ele me foi dado pelo Criador. Que Deus me castigue, se um dia eu me tornar difícil: ele estará noite e dia à disposição de meu marido, sempre que sentir vontade de vir pagar seu débito (CHAUCER, 2014, p. 393).

É interessante atentar essa disposição da personagem pois, além do fato de que uma mulher não deveria expor sua intimidade com seu marido ou demonstrar uma alta libido, o ato sexual não deveria ser praticado de uma forma tão libertina como estava ocorrendo nos casamentos da personagem. De acordo com o pensamento religioso e os Tratados da Vida Matrimonial, documentos em que determinavam que as relações sexuais tinham o único propósito da procriação, assim como determinava as datas e posições que o Criador consentia (MARTINS, 2018), era proibido a iniciação de relações sexuais em diversas ocasiões, como relata Martins:

[...], as relações sexuais eram proibidas durante as festas do Natal, da Páscoa, do Pentecostes e das festas dedicadas ao culto de Maria, que foram crescendo ao longo da Idade Média. Nas vigílias, isto é, na noite anterior a estes festejos, estava igualmente interdito o contacto íntimo. Tal ocorria, da mesma forma, durante o domingo e sua vigília. Durante as três Quaresmas: 40 dias antes da Páscoa, 40 dias antes do Natal (Advento) e 40 dias antes do Pentecostes. Para além do calendário litúrgico, existiam outras proibições para a mulher: menstruação, gravidez (desde o momento da concepção) e 40 dias após o parto. Estes últimos eram princípios ancestrais, da impureza e derramamento de sangue. Feitas as contas verificamos que os casais, apenas poderiam usufruir de quatro a cinco relações sexuais durante um

mês, gerando duas a três concepções num período de quatro anos (MARTINS, 2018, p. 142).

Ou seja, o fato que Alice sempre estava de acordo em realizar o ato sexual com seus maridos indica que ela não respeitava os ensinamentos religiosos, não demonstrando preocupação com datas ou posições em que praticava o ato sexual, indicando ser uma mulher que corrompe o homem através de atividades sexuais que divergem dos ensinamentos religiosos.

Essa característica de criadora do caos também está presente no momento em que é revelado como conquistava e controlava seus maridos, especialmente os que ela havia se casado apenas pensando na riqueza e ignorando a idade avançada de seus esposos, encontrando diversão no modo em que primeiro os fazia suportar as discussões, apenas para sentir-se triunfante ao vê-los buscando agradá-la com objetos:

[...]Deus me perdoe, mas ainda rio quando me recordo de como os fazia trabalhar à noite sem piedade! E juro como fazia isso desinteressadamente: sim, porque eles já haviam passado em meu nome todos os seus bens e terras, de modo que eu não tinha necessidade alguma de agradá-los ou de esforçar-me para conquistar o seu afeto, [...]. Eu os dominava de tal forma, que eles ficavam alegres e felizes só de me trazerem coisas de presentes do mercado. E também se davam por satisfeitos quando eu os tratava bem, pois normalmente, sabe Deus, eu ralhava com eles sem parar (CHAUCER, 2014, p. 395).

Observemos como ela usava duas formas de manter o controle sob seus maridos: através do sexo, com seu corpo, e através de brigas, sempre os provocando e questionando suas decisões. Fica evidente como o que Alice busca dentro de seus casamentos, além do conforto proporcionado através do dinheiro desses homens, é o controle. Ela utiliza do flerte e de mentiras para conseguir esse controle em suas relações, porém sua principal forma de dominar seus maridos, e a melhor, é através do ato sexual, pois como afirma Bourdieu:

Mas, em cima, ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente, como em francês *baiser* ou em inglês *to fuck*, é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, “possuir” (ao passo que resistir à sedução é não se deixar enganar, não se deixar “possuir”) (BOURDIEU, 2012 p. 29).

Com isso, a personagem usa da relação sexual como uma forma de dominar os homens presentes em sua vida, expandindo seu controle no ato sexual para outros aspectos de sua vida matrimonial, como é evidente quando ela narra sua frustração ao notar que seu último marido, Janekin, planeja assumir o controle da família, impedindo que ela mantenha o controle sob suas riquezas e exigindo que mude seu modo de se portar perante a sociedade:

E a ele confiei todos os meus bens e minhas terras, tudo o que amealhara em meus casamentos anteriores... Coisa de que mais tarde me arrependi amargamente, porque ele então resolveu não mais deixar-me fazer nada do meu jeito. Por Deus, uma vez, só porque eu rasguei uma folha de seu livro, ele me deu uma bofetada com tanta força que acabei ficando surda de um ouvido. Eu, porém, era teimosa como uma leoa e tinha uma língua que era uma matraca, de modo que, apesar da proibição dele, continuei a proceder como sempre, andando de casa em casa, [...] (CHAUCER, 2014, p. 411).

Através dessa passagem é possível notar como a personagem apenas se sentiu ofendida quando seu marido começou a proibi-la de continuar vivendo sua vida de acordo com suas vontades, como ela havia feito com seus outros quatro maridos. Apesar de que Janekin a agredia mais do que seus outros esposos e a castigava com longas leituras religiosas, foi o fato de que ele pretendia assumir total controle de sua vida que a deixou amargurada. Apesar das agressões e das brigas, Alice não abandonou seu modo de vida ou deixou de questionar seu marido, resultando em uma discussão final na qual ambos se agrediram ao ponto de Alice desmaiar e seu marido acreditar que havia assassinado sua esposa. Após o susto, o casal encerra as brigas pois Janekin, depois de pedir perdão a sua esposa, cede o poder da família para Alice:

Mais tarde, porém, após lamentos e queixas, finalmente nos reconciliamos. Ele entregou o cabresto em minhas mãos, confiando-me a direção da casa e das terras, bem como o controle de sua pessoa – palavras, atos, tudo, [...]. E a partir do momento em que, graças à minha habilidade, recuperei o comando, e desde o instante em que me disse: “Minha fiel mulherzinha, você é livre para fazer o que quiser; guarde a sua honra e proteja a minha dignidade”, nunca mais houve briga entre nós dois (CHAUCER, 2014, p. 419).

Alice buscar o comando de seu casamento é incomum e pode ser visto como um pecado, pois a mulher deve seguir o seu marido. O homem é a figura de poder nas relações, ele que determina as ações da família e sua opinião não deve ser questionada, como sustenta Santos:

O casamento era, sem dúvida, forma de união entre o homem e a mulher, mas não os igualava: a mulher permanecia marcada pela fatalidade de Eva e responsável pela queda de Adão. Ela trazia o estigma do pecado e concentrava em si todos os vícios humanos; principalmente aqueles tidos como femininos, como a gula, a luxúria, a sensualidade e a sexualidade. Por todos estes atributos, o clero enxergava a dominação do esposo e as dores do parto como um castigo eterno pela danação de Eva (SANTOS, 2013, p. 72-73).

Ou seja, quando a personagem encerra seu prólogo com a conclusão de que tudo ficou bem após seu marido ceder o comando da família para ela, é evidenciado como suas relações não são adequadas, possuindo falhas e pecados em diversos aspectos do relacionamento, o

maior sendo o de mulher usando o sexo para dominar o marido e apenas se satisfazendo quando possui o controle total sob os homens. Essa solução para os problemas conjugais e o feminino dominando o masculino, também estará presente no conto que Alice narra para seus companheiros de peregrinação.

No conto, o cavaleiro que fora condenado a morte pela corte do rei, é apenas poupado pois a rainha convence seu marido a permitir que ela e suas damas tenham o poder de escolher o destino do rapaz, ou seja, a rainha é uma figura feminina que possui certa influência nas ações de seu marido, assim como também passa a ter o controle da vida de outro homem, o cavaleiro.

Como condição de ser perdoado, a rainha dá ao rapaz o prazo de um ano para que ele busque a resposta correta sobre o que seria o desejo mais profundo das mulheres, questão que se revela difícil pois o jovem não consegue chegar a uma conclusão, desde que à medida que caminha entre comunidades, as respostas divergem e não correspondem com as anteriores. Durante a narrativa, Alice pausa sua narração para opinar sobre determinados momentos dentro do conto, como acontece no ponto em que o cavaleiro está em busca da resposta que pode poupar sua vida:

Alguns pensavam que o que mais nos alegra o coração são os elogios e agrados... e, de fato, esses não estavam longe da verdade: é com a adulação que os homens nos conquistam; e, grandes e pequenas, somos apanhadas com atenções e cortesias. Outros, porém, acreditavam que o que mais apreciamos é a liberdade, é fazer as coisas do nosso jeito, sem que nenhum homem venha apontar as nossas imperfeições, pois gostamos de ser consideradas inteligentes e espertas. Na verdade, quando nos pisam nos calos, todas nós gritamos, pois a verdade machuca: experimentem fazer isso, e verão que tenho razão (CHAUCER, 2014, p. 423).

Assim, fica evidente como o conto narrado por Alice é um reflexo de suas opiniões, pois, como já havia argumentado em seu prólogo, novamente ela demonstra que as mulheres gostam de possuir a atenção dos homens e prezam por liberdade de escolhas. Sendo assim, não é inesperado que o cavaleiro apenas consiga poupar sua vida pois recebera a ajuda de uma mulher mais velha e, em seguida, que tenha conseguido agradar a rainha e suas damas com a resposta que essa velha havia lhe concedido. Essa necessidade de o homem ser subordinado a mulher para obter a gratificação fica mais visível com a resposta, correta, que o cavaleiro profere quando retorna para a rainha:

“Majestade, de modo geral”, disse ele, “o que as mulheres mais ambicionam é mandar no marido, ou dominar o amante, impondo ao homem a sua sujeição. Ainda que me mate, digo que é esse o seu maior desejo. Vossa Majestade agora pode fazer comigo o que quiser: estou a seu dispor.” (CHAUCER, 2014, p. 427).

Com isso, é visível como o rapaz leva em consideração a ajuda da senhora e em sua resposta já age como um homem que aceita o comando das mulheres, buscando agradar completamente a rainha e as damas para que, por fim, tenha sua vida poupada. Entretanto, apesar de ter conseguido sua liberdade, para a infelicidade do cavaleiro, ele é forçado a casar-se com a senhora que o havia ajudado a responder corretamente a pergunta que salvara sua vida. Apesar de suplicar para que a senhora não exija isso, afirmando que “[...],peça-me qualquer outra coisa, peça-me tudo que possuo, mas não me tire a liberdade!” (CHAUCER, 2014, p. 429), o cavaleiro é obrigado a casar-se com a senhora.

É interessante considerar a forma como ele se preocupa com a perda de sua liberdade com o casamento, deixando em evidência que a liberdade que deseja é uma liberdade sexual, desde que no casamento a figura masculina detinha o poder da relação, porém por ele ser um cavaleiro, uma classe social respeitada, ele não deveria trair sua esposa, mesmo que ela não possuísse a mesma classe social ou que tivesse uma idade avançada em comparação ao seu marido.

Sendo assim, apesar de infeliz, o cavaleiro cumpre com seu dever e se une com a senhora, porém “Levado ao leito com a esposa, nada mais fazia que se debater e se revirar de um lado para o outro.” (CHAUCER, 2014, p. 429), se lamentando por possuir uma esposa velha, feia e de classe social muito baixa. Para acabar suas lamentações, a esposa oferece a solução ao questioná-lo se ele opta por uma esposa velha e fiel, ou uma jovem com uma vida social agitada, ao que ele responde que quem deve tomar a decisão é sua esposa:

“Minha senhora e meu amor, minha esposa querida, prefiro confiar em seus sábios critérios. Escolha você mesma a alternativa mais agradável e mais honrosa para nós dois. Seja ela qual for, aquilo que lhe aprouver irá aprazer a mim.” “Como você permite que eu escolha e decida como quiser”, perguntou ela, “não estaria reconhecendo que quem deve mandar sou eu?” “Sim, claro, meu bem”, respondeu ele. “Acho melhor assim.” (CHAUCER, 2014, p. 435).

A mudança de atitude do cavaleiro é interessante de ser contemplada pois no momento em que é questionado por sua esposa, ele nota a oportunidade de agradá-la, da mesma forma que agradou a rainha e teve sua vida poupada. Sendo assim, os problemas matrimoniais do conto têm a mesma solução que os problemas de Alice e Janekin: tudo se resolve a partir do momento em que o homem reconhece que quem deve possuir o poder de escolha do casal é a mulher. No conto, o cavaleiro termina por satisfeito pois sua companheira velha e feia, com a liberdade de escolha, transforma-se em uma jovem, bela e fiel esposa, porém o maior triunfo

se mantém com a figura feminina pois é ela quem encerra o conto como a dominante na relação. A narradora, Alice, então encerra sua fala com:

Que Jesus Cristo mande a nós também maridos dóceis, jovens e fogosos na cama... e a graça de podermos sobreviver a eles! E também rogo a Jesus que encurte a vida dos homens que não se deixam dominar por suas mulheres, e que são velhos, ranzinhas e avarentos... Para esses pestes Deus envie a Peste! (CHAUCER, 2014, p. 437).

Com isso, notamos como o mais importante para Alice é manter-se no controle de sua vida, dominando os homens para que consiga alcançar seus objetivos, assim como notamos como o ato sexual tem grande influência nas duas narrações de Alice, sempre sendo um meio em que os homens perdem sua independência e comando. Percebemos isso em como Alice utilizou do ato sexual para adquirir controle sob seus maridos, fazendo com que eles observassem o ato como uma recompensa por agradá-la. No conto, o ato sexual estará presente como causa para a condenação do cavaleiro, o que resulta em seu acordo com a senhora e sua obrigação de tê-la como esposa, assim como a atração, ou a falta dela, também influenciará no seu sofrimento. Sobre essa relação de poder associado com o ato sexual, Bordieu irá afirmar que:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BORDIEU, 2006, p. 31).

Observamos como neste prólogo e conto, o casamento é retratado de uma maneira diferente do indicado pela sociedade da época, especialmente em relação as figuras femininas e seu papel no relacionamento e sua função na dinâmica familiar. Primeiramente temos Alice afirmando que já se casara por amor, contrastando com a normalidade com que os casamentos eram realizados com o foco na questão financeira, assim como é visto como Alice sempre se refere aos seus esposos pelo primeiro nome, não atribuindo-lhes uma posição maior do que a dela, o que também era uma imperfeição, como afirma Santos:

Uma vez escolhido o casamento como destino da mulher, é notório como as formas de poder se projetavam na relação conjugal. Amor, afeto e carinho eram manifestações pouco comuns nessas uniões. Segundo Macedo “a concepção éticosocial do amor não se identificava com os compromissos e juramentos constantes nessa forma de casamento”. A mulher dirigia-se ao esposo como seu “senhor”, denotando assim a transposição da vassalagem, do amplo domínio feudal, para o restrito meio doméstico (SANTOS, 2017, p. 72).

Por fim, é observado como as figuras femininas presentes no *Conto da mulher de Bath*, possuem controle sob seus maridos e alcançam seus objetivos de dominar o homem e deter um cargo de poder dentro do relacionamento, através dos desejos carnis dos homens, sendo assim, correspondendo ao arquétipo religioso em que a mulher usava de seu corpo para sobrepor suas vontades acima do bem-estar de seu marido, o influenciando a uma vida de pecados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as duas personagens aqui abordadas, foi possível constatar como ambas utilizam de seus corpos e do ato sexual para enganar e controlar seus maridos e pretendentes, induzindo a cópula com o objetivo de sentir prazer e de alcançar algo em troca. Dessa forma, a representação feminina nos contos de “O conto do homem do mar” e de “O conto da mulher de Bath”, são personagens que carregam os estereótipos da mulher pecadora do século XIV. Elas são mulheres que planejam suas ações, encontram prazer em luxúrias e atos sexuais, almejam pelo controle acima dos homens e confundem as pessoas. Entretanto, é importante recordar que essa imagem do sexo feminino como pecadora era presente na literatura da época, pois, além da influência religiosa na sociedade, as mulheres não possuíam oportunidade de produzir literatura.

Ou seja, como dito anteriormente, a personagem da mulher no "Conto do homem do mar" é narrada por um homem, o marinheiro; sendo assim, todas as ações e falas dessa mulher estão sendo enunciadas pela visão de um homem. Igualmente, no “Conto da mulher de Bath”, apesar da personagem ser uma mulher, o autor da obra é um homem, então mesmo que a personagem mostre que possui opiniões que favorecem a mulher ou questionem as normas da época, quem está verdadeiramente escrevendo tais pensamentos é um homem, o que devemos levar em consideração ao analisar como a personagem de Alice é uma mulher pecadora e demonstra orgulho de sua condição.

Além disso, foi analisado como, da forma que Geoffrey Chaucer estava inserido em uma sociedade com influências religiosas, e como a mulher na Idade Média estava restrita a seguir esse ideal religioso do sexo feminino como inferior, casta e submissa, as personagens da obra são caracterizadas de acordo com tais pensamentos, deixando em evidência que tipo de mulher deveria ser respeitada e as quais eram pecadoras.

Por fim, com esta pesquisa foi possível verificar como as personagens femininas em *Os contos de Canterbury* correspondem aos ideais da época, sendo uma das diversas representações da sociedade inglesa medieval presente na obra de Chaucer. Através dos contos, conseguimos analisar como a instituição religiosa estava passando por um momento de falta de confiança, no qual a sociedade estava analisando e criticando o comportamento do corpo religioso e, em consequência, passando por grandes mudanças sociais, porém suas ideologias continuavam influenciando a vida das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. BOMBINI, R. R. **Pestes, pragas e outros bichos: as duas grandes epidemias de Londres (1348 e 1665)**. *Circumscribe*, vol. 26, p. 08-29, 2020. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/52057/34188> >

BLOOM, H. **Bloom's Guide: The Canterbury Tales**. Infobase Publishing. Nova York, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO-CARVALHO, A.; RODRIGUES, I. **A peste negra e as crenças religiosas: Conflito Ciência e Religião**. *Revista Multidisciplinar*, vol. 4, n. 2, p. 5-19, 2022. Disponível em: < <https://www.revistamultidisciplinar.com/index.php/oj/article/view/93/113> >

CHAUCER, G. **Os Contos de Canterbury**. Edição bilíngue. Tradução do inglês médio, apresentação e notas de Paulo Vizioli; posfácio e notas adicionais de José Roberto O'Shea; xilografuras da edição de William Caxton. São Paulo: Editora 34, 2014.

DE GODOY, Edevilson. **O pecado original na teologia de Andrés Torres Queiruga**. *Revista Último Andar*, n. 28, p. 68-85, 2016.

DE JESUZ, V. A. **Viagens de peregrinação: devoção, salvação e outras possibilidades**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

FRANCISCO, E.B. **A evolução da doutrina militar francesa que possibilitou a vitória sobre a Inglaterra na guerra dos Cem Anos**. Monografia (Graduação em Ciências Militares), Academia Militar das Agulhas Negras, Rio de Janeiro, 2020.

GERHARDT, T.E. SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LE GOFF, Jacques. TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARTINS, Alcina Manuela Oliveira. **O Corpo Feminino na Idade Média: Um lugar de tentações**. In:_____. Sônia Vladimira Correia. Coleção Ciências da Educação. O Outro Lado do Espelho: Percursos de Investigação. Edições Universitárias Lusófonas, 2018.

MEDEIROS, Márcia Maria de. ZIMMERMANN, Tânia Regina. **Um Estudo de Caso sobre as Representações da Mulher na Literatura Medieval: O Conto do Homem do Mar de Geoffrey Chaucer**. Outros Tempos, 2013.

SANTOS, Anna Beatriz Esser dos. **Representações femininas em *The Canterbury Tales* de Geoffrey Chaucer**. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Rio de Janeiro, 2013.

SELVATICI. M. **Igreja Católica e sentimento religioso na Inglaterra do século XIV**. Revista Aulas. Campinas. N.4 – abril 2007/julho, 2000.

SOUSA, Kerlys Santos de Sousa. **A Religiosidade e o Imaginário Social sobre a morte no fim da Idade Média**. MYTHOS - Revista de História Antiga e Medieval. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, 2017.